

Sra. Vice-Reitora, nossa colega professora Maria Arminda, caras diretoras e diretores de unidade, superintendentes, ex diretoras e diretores desta Faculdade, caras e caros colegas docentes, funcionárias e funcionários, estudantes, caras e caros amigos e familiares presentes ou que assistem a transmissão.

Assumimos, minha colega Silvana e eu, uma responsabilidade imensa, mensurável pela relevância do que acontece neste espaço institucional, sobre o qual vou me deter apenas em algumas informações de especial saliência. A nossa Faculdade foi e é um lugar de formulação de políticas públicas em diversas áreas e para o país todo, políticas que muitas vezes viram planejamentos efetivamente aplicados nas áreas de Cultura, Educação, e tangencialmente em outras como Direito e Saúde Pública. E é também um celeiro de lideranças na esfera pública nacional e estadual, que atuam e atuaram no poder público, e também com grande destaque nos movimentos sociais. Essas dimensões mais visíveis do impacto desta Faculdade são possíveis porque nas atividades fim ela também é grande, não apenas em volume, também em excelência. A FFLCH tem 2 dos 11 Centros de Pesquisa e Inovação especial (CEPIx) que existem na USP. Quase a metade dos PPGs desta Faculdade são PROEX e 82% têm avaliação entre 5 e 7. Nossos cursos de graduação garantem a proporção de cursos noturnos da Universidade, e combinam a abrangência própria de uma universidade de massa com o alto nível de formação, percebido em todas as medições externas que examinam empregabilidade e reputação. Embora a mudança progressiva na composição social do corpo estudantil aconteça na USP toda, nossos cursos foram vanguarda na inclusão social e racial. E todos nossos cursos de graduação combinam uma alta taxa de preenchimento de vagas com uma proporção de evasão um pouco menos do que a média da grande área, embora ela ainda seja maior do que gostaríamos. Um desses cursos, o de Letras, é o maior da graduação da USP, e oferece habilitações de uma diversidade única no país. Somos um polo fundamental de cultura e extensão, com foco de atuação no setor público. Em internacionalização, temos em torno de 1.200 convênios acadêmicos ativos, e nossa Faculdade recebe em torno de 15% dos intercambistas que vêm à USP.

Em que contexto nacional e internacional esta gestão assume a responsabilidade de direção por quatro anos? Para pensar sobre isso, prefiro sair da frialdade panorâmica, e fazer um percurso por várias cenas e sinais recentes.

Poucas semanas depois de assumir a direção, fui presenciar uma palestra do professor Gabriel Cohn, um dos nossos ex diretores e professores eméritos. O professor Gabriel tinha sido convidado para uma sessão do ciclo de seminários CEDIC-CENEDIC, e o tema que foi proposto a ele era “Democracia(s) no Brasil ontem e hoje”. Era em novembro, antes da eleição e da posse de Trump, antes também de que a PF revelasse o plano golpista que incluía os assassinatos do presidente e do vice-presidente eleitos, e de um membro do Supremo. E antes disso tudo, o professor Gabriel, diante das perguntas dos seus colegas sobre riscos atuais para a democracia, levou a problemática a um nível mais inquietante, dizia, literalmente (revi o vídeo): “Nós rigorosamente estamos na barbárie.” Perguntado pelo fascismo na atualidade, respondeu, cito, “que estamos nos aproximando com rapidez de uma forma de organização planetária imensamente mais perigosa do que o fascismo”, um mundo em que decisões fundamentais não seriam mais resultado de deliberações institucionais (democráticas ou não), mas de cabeça patológica de indivíduos, e exemplificou precisamente com Elon Musk. Cohn explicava uma

contradição entre uma aceleração das formas emergentes dessa ordem planetária, puxadas pela tecnologia, e um acontecer político que parecia repetir em câmera lenta, o começo do século XX. E apontava a necessidade de voltarmos a ler quem ele chamou “o velho barbudo”, referindo-se a Marx, para desvendar essa contradição mediante os saberes da economia política e o pensamento dialético.

Não pretendo, claro, ter explicações sobre essa contradição sombria, não sou especialista nos saberes que podem tê-la como objeto. Apenas, como estudioso que sou da linguagem, a provocação de Gabriel Cohn me faz interrogar sobre a semiose desta barbárie, e, na função que estou assumindo, sobre como a barbárie pode interpelar a instituição universitária. Começo pelo mais ameno para mim, a semiose, a produção de sentido E para isso vou a outro velho, que não era barbudo, mas sim diretamente relacionável a Marx, Valentín Volóchinov, que precisamente em *O marxismo e a filosofia da linguagem* explicava, em torno de 1930, o caráter material da ideologia. Para o círculo de Volóchinov-Bakhtin, nomes familiares para muitos dos nossos docentes e estudantes, tudo que é ideológico é sógnico, portanto, material. A compreensão de um signo é a resposta sógnica que este recebe, seu sentido é apontado pelos signos que lhe respondem. Assim, a ideologia é uma cadeia de criação e compreensão semiótica. Penso, então, em cadeias semióticas dos sentidos desta barbárie.

E vou partir de um signo que o professor Cohn parece ter antevisto: Elon Musk, dois meses depois, na posse de Trump, fazendo a saudação nazista. Signo a cujo retorno atribuo um caráter fundador porque indica algo como “agora já não há dissimulo, é isto mesmo e no poder da grande potência militar do mundo”. A significação desse signo é a refração nos muitos que lhe responderam. Por exemplo, no nosso país, imediatamente, o boné com “Make America Great Again” vestido pelo governador do Estado, que precisamente vinha de chamar “narrativa sem provas” (outro signo) a denúncia da Polícia Federal sobre o chamado “Punhal Verde Amarelo”, como se autosignificava o plano de golpe e magnicídio. E que semanas depois dividiria com os golpistas um carro de som que ostentava outro signo: a bandeira estadunidense com o “Fight, fight, fight”. E outro elo que imediatamente comporia a cadeia semiótica dessa ordem planetária, que o professor Cohn enunciava como patológica, é a macabra denominação “Riviera do Oriente Médio” para a faixa de Gaza, como projeto de conclusão da limpeza étnica, expulsão, ou extermínio.

Mas a barbárie também interpela a Universidade, e isso é um desafio para todos nós, nos próximos anos. Proponho que interpela de três maneiras. Uma, mais recente, é a modalidade direta e tosca da censura. Está acontecendo principalmente nos Estados Unidos, mas, devido aos acordos de cooperação, é sentida também em outros países. E já não é principalmente proibindo autores, como nos autoritarismos que já conhecíamos; é censura na própria construção e divulgação do conhecimento mediante o banimento de termos que remetem a conceitos, termos como “crise ecológica”, “opressão de gênero, raça e classe”, “justiça social”. Recentemente, projetos de pesquisa do nosso país, financiados por Fullbright, tiveram que cercear objetivos devido a esses decretos de Trump. Há perseguição a professores, fechamento de cursos, e ameaça de desfinanciamento contra universidades (o caso de Columbia é bem conhecido) que permitam protestos que não agradem o poder. Nas agências federais dos EU, parece que também está proibido o termo “pronouns”. Como linguista que dedicou boa parte da sua

carreira a pesquisar e a ensinar sobre as formas de existência da pessoa na linguagem e sobre a referenciação, me orgulha ver o quanto a função pronominal pode perturbar certezas.

Outra forma de interpelação, mais sutil e muito anterior, é a que exercem setores do poder econômico para evitar a produção de determinados conteúdos, pressão sobre as secretarias de Educação, mas também sobre os quadros universitários que formam docentes ou que participam da avaliação de conteúdos escolares. Associações aparentemente desinteressadas, mas ligadas a setores da atividade econômica, buscam dessa maneira meias verdades ou pós-verdades acerca de mudança climática, agrotóxicos, relações trabalhistas e outros temas. E a forma mais sutil de interpelação, que quase não precisa de agentes específicos, é a da própria ordem econômico social, cada vez mais regressiva. Uma das características que, na palestra que já referi, o professor Gabriel Cohn apontava para essa ordem planetária é que, cito, “o âmbito técnico-científico se torna um espaço de valorização do capital”, perde o controle das suas práticas, eu diria, corre risco de descaracterizar-se como campo. Em que medida damos nome à perda de garantias básicas de emprego, saúde, educação, que caracterizavam a segunda metade do século XX? Essa tragédia social, que tira toda esperança de jovens que percebem que nada está garantido, não deveria ser chamada por nomes (volto aos signos) que deem conta do seu caráter catastrófico, para indagar suas raízes políticas, seus efeitos nas subjetividades e na desagregação social?

Porém, a ordem em desenvolvimento nos interpela com diversas denominações eufemísticas para que vejamos esse abismo como consequência inevitável de transformações, e não como resultado de uma política de concentração de renda, desmonte do estado de bem-estar, e de eliminação da regulação estatal das atividades econômicas, política que, como explica Ladislau Dowbor em *A era do capital improdutivo*, devasta o planeta para benefício de menos de 1%.

Creio que nesse contexto tão adverso e sombrio, é muito bom estar na USP, que não está isenta do efeito dessas contradições e das tendências em desenvolvimento, já que ela é parte da sociedade, mas que mostra ter muitos anticorpos que a preservam e possibilitam uma atuação progressiva. E muito especialmente é bom estar nesta Faculdade, da qual podemos nos orgulhar porque não deixou nunca de interrogar e questionar as certezas sobre o supostamente inevitável da ordem regressiva, sempre realizou essa interrogação mediante a pesquisa criativa e engajada. Nossa Faculdade, como de modo geral as Humanidades na USP, parece ter foco em um tipo de inovação que, fazendo minhas as palavras do colega da Faculdade de Educação, Marcos Barbosa de Oliveira, vou chamar de “inovação social”, “de interesse público” (cito o Marcos) “voltada para os problemas sociais, econômicos, ambientais, etc., especialmente os dos setores mais pobres da população, buscando soluções que chegam aos beneficiários” sem que tivessem lugar no chamado “mercado”.

Muito me orgulha que, na FFLCH, se estudem, ensinem e que se faça extensão sobre essas problemáticas, bem como as de desigualdades e opressões de raça, classe e gênero, e que a fome na história, os direitos humanos, o plurilinguismo, o direito a palavra, a linguagem para a acessibilidade, a literatura em relação com outros saberes e outras artes, as mudanças climáticas, a agricultura familiar, as populações indígenas, a

violência de Estado, ou a inteligência artificial para diminuição de desigualdades, sejam temas de grandes projetos de pesquisa, em redes em que nosso corpo docente tem liderança nacional e internacional. Essa liderança demanda tecnologia, porque cada vez processamos dados mais refinados e de maior volume, e isso é algo em que estamos empenhados para o compartilhamento conjunto das Humanidades.

Também nos orgulha a capacidade histórica desta Faculdade de se posicionar, de exercer um papel propositivo. Colegas da nossa Faculdade, por exemplo, estão trazendo de novo, mediante um seminário realizado recentemente no IEA, a discussão sobre práticas de mediação e de justiça restaurativa, para renovar nossos procedimentos disciplinares e de resolução de conflitos. Precisamos deixar atrás o que a congregação desta Faculdade qualificou como “entulho autoritário”, aquele regimento disciplinar ultrapassado, de 1972. Pela nossa parte, como direção, nestes seis meses temos promovido eventos e debates sobre trabalho, diversidade e inclusão, sobre a pós-graduação e as Humanidades, reflexões sobre nossas práticas nos concursos docentes, e temos na agenda outros assuntos para os próximos meses e anos, além do projeto de memória negra da FFLCH que já estamos implementando.

Como direção, Silvana e eu precisamos também afinar os canais de diálogo com o movimento estudantil e de docentes e funcionárias/os. Encontramos um corpo estudantil com modos de organização bastante diferentes de anos atrás, mais diversificado em coletivos transversais, que também trazem como consequência que os centros e atléticas tenham mais capilaridade. E estamos aprendendo a conhecer mais a vida institucional das funcionárias e funcionários, encontrando, a respeito, uma perspectiva esperançosa. É claro que não estão ausentes as mazelas que a precarização e a perda de direitos trazem para todo espaço, mas também encontramos práticas solidárias na ajuda entre elas e eles mesmos, na atitude com as companheiras e companheiros de trabalho terceirizados, em iniciativas de formação para o trabalho e de inclusão digital que elas e eles vão criando, e nos comunicando, porque queremos apoiar muito essa solidariedade e dissuadir de toda forma de assédio.

Encerro, então, destacando que são muitos os motivos de alegria, e de orgulho da nossa Faculdade ao assumirmos esta função. Propusemos uma gestão participativa como modo de garantir transparência, estamos empenhados nisso mediante as comissões formadas e o funcionamento dos colegiados. Estamos muito atentos às iniciativas de fomento, participamos de todas as oportunidades que aparecem, e tentamos manter a comunidade informada, especialmente sobre os aspectos que mais a inquietam.

Ao sr. Reitor, à sra. Vice-reitora e a todas as autoridades presentes, agradecemos por toda a colaboração que temos encontrado da sua parte nestes seis meses de exercício, e por honrar esta Faculdade com a sua presença. Às pessoas desta Faculdade, agradecemos pela confiança demonstrada ao nos incumbir desta tarefa, que esperamos cumprir à altura. Muito obrigado!